



Cabo submarino em periódicos pernambucanos nas décadas 1870 e 1880: base para uma arqueologia da rede¹

Ruy FIGUEIREDO²

Resumo:

A partir da arqueologia da rede como atividade e metodologia, apresentam-se narrativas de conexão, rompimento e transmissão da infraestrutura de cabo submarino publicadas em periódicos nas décadas de 1870 e 1880, com um foco em acontecimentos dados em Pernambuco. Tal infraestrutura viabiliza a comunicação do Brasil com o restante do mundo há 150 anos, mais especificamente desde 1874, mas são poucos os estudos da área que se dedicam a tal tema. Buscadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, as narrativas selecionadas ajudam a entender as expectativas, as frustrações e as tensões em torno da presença do cabo submarino no território nacional. Abre-se, portanto, caminho para uma atenção ao tema nos estudos de comunicação e mídia no Brasil.

Palavras-chave: infraestrutura; cabo submarino; Recife, arqueologia da rede.

Submarine cable in Pernambuco newspapers from 1870's and 1880s: a basis for a network archaeology

Abstract:

Drawing upon network archaeology as an activity and methodology, this study presents narratives of connection, disruption, and transmission within the submarine cable infrastructure, as published in journals during the 1870s and 1880s, with a specific focus on events occurring in Pernambuco. This infrastructure has facilitated Brazil's communication with the rest of the world for 150 years, notably since 1874. However, there is a scarcity of research in the field dedicated to this topic. Extracted from the Digital Hemeroteca of the Brazilian National Library, the selected narratives aid in comprehending the expectations, frustrations, and tensions surrounding the presence of the submarine cable within the national territory. As a result, a pathway is paved for directing scholarly attention to this subject within the realm of communication and media studies in Brazil.

Keywords: infrastructure; submarine cable; Recife; network archaeology.

Cable submarino en periódicos de Pernambuco de los años 1870 y 1880: base para una arqueología de la red

Resumen:

Desde la arqueología de redes como actividad y metodología, se presentan narrativas de conexión, ruptura y transmisión en la infraestructura de cables submarinos, publicadas en diarios durante las décadas de 1870 y 1880,

1 Artigo desenvolvido a partir de comunicação apresentada no 6º Encontro Regional de História da Mídia – Alcar Nordeste, na Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte (CE), 10 de março de 2021.

2 Doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Mestre em Artes pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente realiza a pesquisa de pós-doutorado “Ao redor das infraestruturas: práticas artísticas e mudanças climáticas” no Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes, da Universidade Federal Fluminense (UFF), com apoio de bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). *E-mail:* czr.campos@gmail.com





con un enfoque específico en eventos ocurridos en Pernambuco. Esta infraestructura ha facilitado la comunicación de Brasil con el resto del mundo durante 150 años, especialmente desde 1874. Sin embargo, escasean las investigaciones en este campo dedicadas a este tema. Extraídas de la Hemeroteca Digital de la Biblioteca Nacional de Brasil, las narrativas seleccionadas ayudan a comprender las expectativas, frustraciones y tensiones en torno a la presencia del cable submarino en el territorio nacional. Por lo tanto, se abre un camino para dirigir la atención académica a este tema en los estudios de comunicación y de los medios en Brasil.

Palabras clave: infraestructura; cable submarino; Recife, arqueología de la rede.

Apresentação

Por mais que o imaginário do digital se fundamente no uso de metáforas desmaterializantes, como “nuvem”, sua infraestrutura está situada por territórios, por materialidades específicas e, além disso, pelo espaço e material oceânico. A fibra óptica é a materialidade presente em mais de 500 cabos instalados nas profundezas dos mares (Telegeography, 2023a), viabilizando entre 95 e 99% da comunicação digital intercontinental (Telegeography, 2023b). Desde 2020, a demanda pela infraestrutura de cabos submarinos apenas se ampliou com o contexto pandêmico e o crescimento de atividades realizadas remotamente, tais como o ensino, o trabalho, os encontros acadêmicos e o entretenimento.

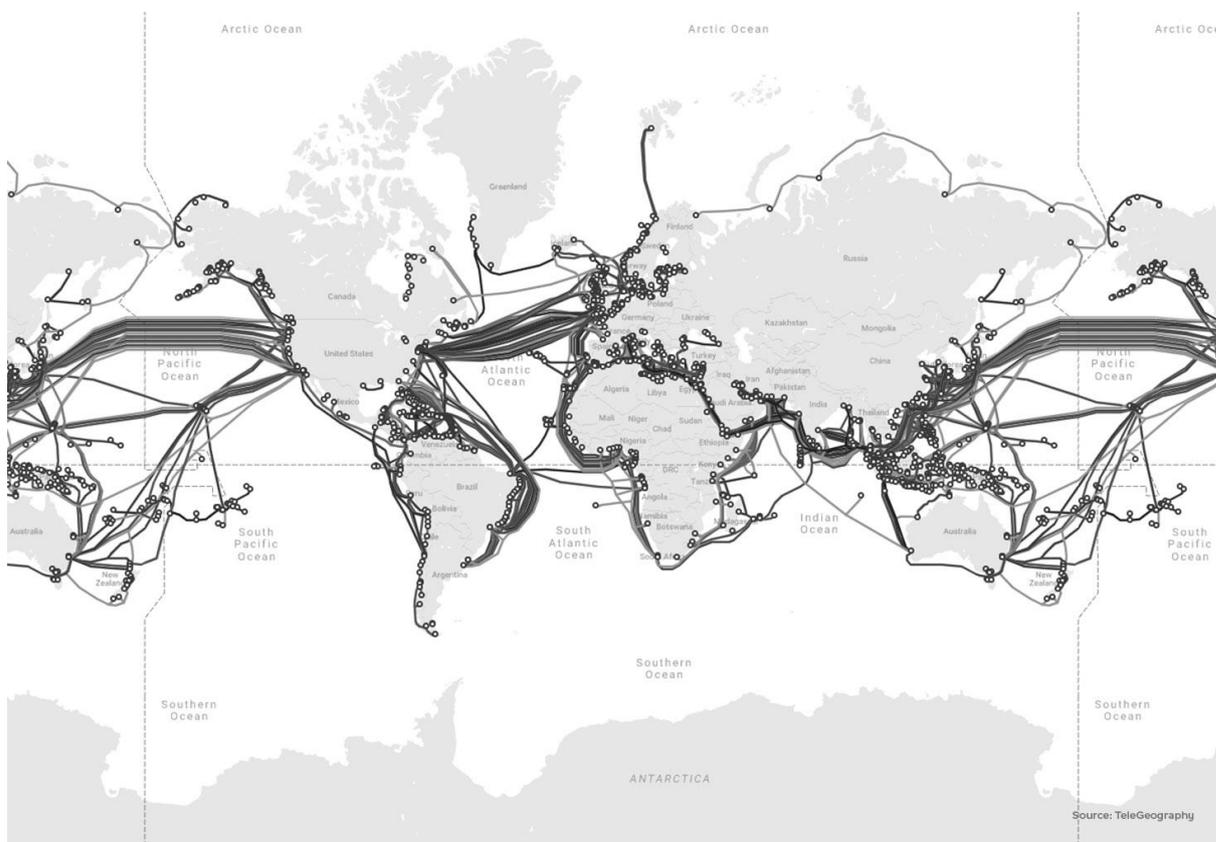
Diversos meios da imprensa pernambucana anunciaram, entre 2019 e 2020, que Recife receberia “o seu primeiro projeto internacional de um cabo submarino” (Moraes, 2019, n.p.). Podemos considerar que a afirmação faz sentido apenas ao se fazer um recorte de tempo que limita a frase ao período dos cabos submarinos de fibra óptica, tendo início no final dos anos 1980 e início de 1990 (Starosielski, 2015). Ao observarmos o atual mapa da rede de cabos submarinos, veremos que é a cidade de Fortaleza que se coloca como o portão de entrada e saída dos dados intercontinentais. Recebendo 15 cabos (em funcionamento pleno ou em fase de instalação), o estado do Ceará tem, por sua própria topologia, a posição de *hub* (centro efetivo) da infraestrutura da rede na América Latina (Telegeography, 2023a). Ao se olhar para a história dos cabos submarinos no Brasil, todavia, veremos a proeminência territorial de Pernambuco, mais especificamente a partir do momento em que Recife recebeu, nos últimos dias do ano de 1873, o primeiro cabo submarino que conectou a América Latina com a Europa.

Conforme compreendida e precisamente analisada por Nicole Starosielski (2015), a rede de cabos submarinos pode ser dividida em três grandes eras: a era dos cabos de cobre dos impérios coloniais, que vai de 1850 a 1950; a era dos cabos coaxiais, que dura do período de



1950 a 1980, com o contexto da Guerra Fria; e a era da fibra óptica, que na década de 1990 vive um *boom* e uma crise³, mas que hoje se expande conforme cresce a demanda global de infraestrutura para o digital (Figura 01).

Figura 01 – Mapa da rede global de cabos submarinos em 2023



Fonte: TeleGeography (2023a).

Foi na década de 2010 que se intensificou o interesse epistemológico pela unidade de análise “infraestrutura” nos estudos de mídia. Atenção crítica foi lançada para temas como cabos submarinos, *data centers*, torres de transmissão, protocolos, *softwares* de logística e ao fato de que desses depende a experiência planetária de conectividade. Especialmente, tais estudos apontam como infraestruturas operam tanto como forma material quanto como

³ Na década de 1990, nos Estados Unidos, a *dot-com bubble* ou bolha da Internet foi um período histórico de especulação econômica quanto ao crescimento da Internet, atingindo seu pico em 11 de março de 2000, quando uma diversidade de companhias de venda *online* e infraestrutura entraram em falência (Starosielski, 2015).



construção discursiva, seguindo rotas do passado colonial e sendo instaladas em territórios e ecologias de turbulências.

Considerando a importância de maior atenção para a dimensão infraestrutural da comunicação transatlântica ao sul do equador no século XIX, apresentam-se aqui 12 aparições do imaginário sobre o cabo submarino em periódicos da imprensa pernambucana entre 1874 e 1890. O recorte possibilita entender aspectos significativos dos primeiros 15 anos de operação de cabo submarino transatlântico, a partir de notícias publicadas nos periódicos pernambucanos *A Província*, *Jornal do Recife*, *A Epoca*, *A Nação* e *Pequeno Jornal*, além de referenciar também publicações de periódicos paraenses como *A Constituição* e *O Liberal do Pará*.

A apresentação desse material constitui um pequeno fragmento introdutório de um empreendimento amplo de pesquisa e compreensão da presença dos cabos submarinos nos territórios e na costa brasileira desde o século XIX até o presente. Visualizei, a partir de 2020, todas as aparições do termo “cabo submarino” no arquivo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Fiz uma curadoria de mais de 1.200 aparições em jornais de 16 estados brasileiros. Esse acervo permite a elaboração de uma narrativa mais precisa sobre a presença de tal infraestrutura no país, seu imaginário, seus afetos e efeitos em termos políticos, culturais, econômicos e comunicacionais. Antes disso, desde 2016, tenho conduzido atividades culturais, realizado práticas artísticas e pesquisado academicamente o território onde os cabos submarinos ancoram em Fortaleza, tendo experienciado a oportunidade de conhecer estações, trabalhadores e pontos de ancoragem em lugares com os quais a capital cearense está conectada por cabos submarinos, no Rio de Janeiro, em Angola e na Colômbia.

O presente artigo, portanto, propõe-se a apresentar a base das práticas de caráter arquivista, em termos de referencial teórico-metodológico, dessa ampla pesquisa: a arqueologia da rede (Starosielski, 2015). Essa abordagem teórico-metodológica se apresentou primeiramente no livro *The Undersea Network* (2015), de Nicole Starosielski, como uma proposta capaz de

historicizar os movimentos e conexões possibilitadas pelos sistemas de distribuição e revelar os ambientes que dão forma a distribuição contemporânea das mídias. [...]. *The Undersea Network* segue os caminhos das nossas transmissões de sinais – das estações de cabo submarino onde os sinais terminam, através das zonas nas quais eles ancoram, até ao fundo dos oceanos nos quais eles estão submersos. Essas zonas, obscurecidas nas linhas



finas do diagrama da rede, são as geografias materiais das comunicações cabeadas e através da sua escavação nós podemos começar a entender a natureza semicentralizada, territorial, precária e rural das redes digitais (Starosielski, 2015, p. 15, tradução nossa)⁴.

A escolha de Pernambuco para iniciar essa apresentação de resultados se dá pelo fato de que foi nessa província que, como mencionado, ancorou o primeiro cabo transatlântico, entre 1873 e 1874. Como constatamos ao constituir uma linha de tempo e visualizar os mapas históricos da operação dos cabos submarinos no Brasil, o Recife foi, efetivamente, o primeiro *hub* de cabos submarinos da América Latina e sua imprensa sempre dedicou certa atenção para a presença dessa infraestrutura em suas praias. Interessa aqui, sobretudo, demarcar os afetos que marcam a ancoragem e o funcionamento desse primeiro cabo no local onde ocorria a operação direta de conexão transatlântica.

Impulsionadora dos estudos de infraestrutura na Comunicação, Lisa Parks (2015) ressalta a importância de que pesquisadores reconheçam o amplo espectro de *afetos infraestruturais* carente de conhecimento em razão do pouco interesse, nos estudos de mídia e nas ciências humanas, sobre a distribuição dos sinais que sustentam, desde o século XIX até o presente, um senso comum de comunicação e tempo global. A pesquisa aqui apresentada busca colaborar nesse sentido. Por *afetos infraestruturais*, entendem-se aqui as experiências, sensações e estruturas de sentimentos geradas por meio dos encontros materiais entre pessoas, animais e infraestruturas das mídias (não apenas interfaces, mas também locais físicos, instalações, dependências e *hardware*). As infraestruturas sempre estiveram direcionadas para o uso público (com esperança, pessimismo, nostalgia, ignorância, desejo, frustração, raiva...), expressando formas de governança e ensejando a experiência de subjetividade moderna (Parks; Starosielski, 2015). A pesquisa aqui apresentada seleciona 12 das mais de 1.200 aparições curadas, mas consegue, com essa pequena quantidade, começar a apontar para a existência desses afetos infraestruturais, repletos de particularidades locais e nacionais. A seleção se deu

⁴ Do original: “to historicize the movements and connections enabled by distribution systems and to reveal the environments that shape contemporary media circulation. [...] To do so, The Undersea Network follows the paths of our signal transmissions—from the cable stations in which signals terminate, through the zones in which they come ashore, and to the deep ocean in which they are submerged. These zones, obscured in the thin lines of the network diagram, are the material geographies of cable communications, and through their excavation we can begin to understand the semicentralized, territorial, precarious, and rural natures of digital networks” (Starosielski, 2015, p. 15).

a partir do interesse de apresentar as expectativas, promessas e afetos envolvidos com a chegada do cabo submarino em Pernambuco no ano de 1874, bem como os rompimentos que ocorriam e provocavam desilusão ao longo das décadas de 1870 e 1880. Além disso, selecionaram-se aparições que situassem tanto a operacionalidade quanto os efeitos sociais e territoriais da presença de tal infraestrutura.

Dar um passo em direção a uma compreensão infraestrutural da rede proporciona à área da Comunicação superar a disjunção entre a quantidade de pesquisa acadêmica dedicada ao conteúdo do que se apresenta como mediado e a pouca quantidade de compreensão desenvolvida sobre as infraestruturas que distribuem os sinais que possibilitam a mediação. Há carência de atenção para o que ocorre antes dos sinais se transformarem no que costuma ser mais enquadrado: textos, imagens e sons veiculados por meio das telas, papéis e outras materialidades tecnológicas. Ademais, um foco na infraestrutura chama atenção para as *materialidades* da distribuição das mídias – seus recursos, tecnologias, trabalho, entornos ecológicos, bem como relações que dão forma, energizam, sustentam ou se emaranham na distribuição global, nacional e local de sinais (Parks; Starosielski, 2015).

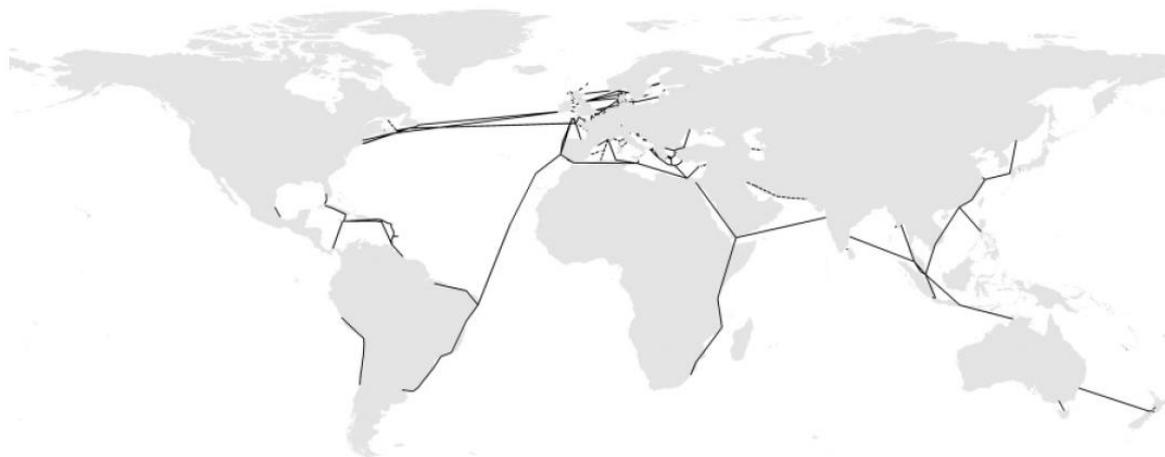
No âmbito das comunicações globais, as décadas de 1870 e 1880 foram marcadas pela disseminação do telégrafo e pela interconexão material de continentes por meio dos cabos submarinos. O progresso infraestrutural causado pela chegada de tal tecnologia no Brasil provocou, como analisado pelo historiador Eduardo Silva (2001), efeitos na vida cultural, social e política, acelerando a pressão para a abolição da escravatura, a crise do império e a consequente proclamação da República. Apesar de dificuldades para estabelecer estratégias de insulamento (proteção da infraestrutura frente às ameaças ambientais ou sociais), a tecnologia do telégrafo por meio de cabos submarinos avançou rapidamente entre os decênios 1870 e 1880. Até certo ponto materialmente comparáveis, telégrafo e Internet impulsionaram diferentes estágios da globalização:

Na prática, tanto o telégrafo quanto a Internet [...] permitiram uma integração mais estreita dos mercados globais e a expansão posterior do capitalismo ao redor do globo. Ambos transformaram a coleta e o relato de notícias, bem como a participação daqueles conectados em questões geograficamente distantes. E, claro, ambas as redes foram e são de grande valor estratégico e administrativo para todos aqueles que precisam controlar territórios distantes, tropas remotamente instaladas ou navios de mercadoria operando

globalmente. Ambas as redes também foram e são usadas para propósitos de entretenimento [...] ambos os sistemas, assim, compartilham um grande número de similaridades funcionais no modo que eles são ou têm sido usados para fins similares e para cumprir funções comparáveis nos processos de globalização de sua época (Wenzlhuemer, 2012, p. 9, tradução nossa)⁵.

O cabo de 1874 conectava Recife com Carcavelos (Portugal), via ilhas Madeira e Cabo Verde. Como apontado por Roland Wenzlhuemer (2012), vários outros cabos ao longo da costa sul-americana conectavam Pernambuco primeiramente com o Pará, a Bahia e o Rio de Janeiro. Ao longo do século XIX a conexão se estendeu para Cayenne, Demerara, Maranhão, Ceará, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Figura 02).

Figura 02 – Mapa da rede de cabos submarinos na virada da década de 1880



Fonte: Wenzlhuemer (2012, p. 114).

A materialidade comunicacional projetada para o trecho do telégrafo brasileiro Pernambuco-Pará foi engenharia de Willem Thompson (também conhecido como Lorde Kelvin). Na citação a seguir, Thompson reflete sobre a materialidade do cabo diante de questões

⁵ Do original: “In practice, both the telegraph and the Internet [...] allow for a closer integration of global markets and the further expansion of capitalism around the globe. Both transform the collection and reporting of news and the participation of those connected in distant affairs. And, of course, both networks were and are of great strategic and administrative value for all those who need to control far-flung territories, remotely stationed troops or globally operating merchant ships. Both networks were and are also used for entertainment purposes. Both systems thus share a good number of functional similarities in the way that they are or have been used to similar ends and fulfil comparable functions in the globalization processes of their day [...] (Wenzlhuemer, 2012, p. 9).

climáticas e da necessidade de uma excepcionalidade capaz de resistir às águas mais quentes do Atlântico Sul:

O cabo que vamos imergir é uma obra prima de arte elétrica e mecânica. Nenhum outro tem até agora atingido as mesmas proporções de perfeição; e as suas qualidades são superiores a todas quantas têm reunido em seu complexo os cabos anteriormente confeccionados [...]. Mas só que ainda mais me desvanece neste conjunto é que o cabo que temos a bordo é não só absolutamente o mais bem-acabado de quantos têm sido construídos, como relativamente reúne todas as condições de aptidão que era possível desejar. Destinado a ser imerso nas costas ardentes do Brasil, pela sua contextura pode resistir à ação de elevada temperatura. De outro modo não me acharia eu aqui empenhado no intento que temos a realizar. A confecção dos cabos que se acham imersos mais ao norte sempre neste sentido me inspirou desconfiança, e estou persuadido que não resistiriam à influência climática a que vai ficar exposta a nossa linha (Bassalo; Crispino, 2007, p. 514).

Apesar do esforço do famoso físico e do imaginário tecnológico de integração entre as províncias (Figura 03), é possível constatar que, após instalado o cabo, o trecho que conectava Pará, Cayenne e Demerara não funcionava apropriadamente.

Figura 03 – Ilustração no periódico *O Mosquito*, Rio de Janeiro, ano 6, n. 225, p. 1, 3 de janeiro de 1874



Fonte: Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

Na cerimônia de inauguração do cabo no Grão-Pará, em 1874, há um grande entusiasmo expresso pelo governador da província, contrastante com a sua desilusão no início da década de 1880, quando reconheceu que a linha só funcionava adequadamente até o Ceará (*A Constituição*, 20 abr. 1882). Na seção do cabo que seguia ao norte de Fortaleza, rompimentos constantemente desencadeavam narrativas desiludidas com o progresso que fora prometido com a chegada de tal tecnologia (*O Liberal do Pará*, 19 mar. 1875, 18 jan. 1876).

Vivemos, no século XXI, uma nova camada do uso tecnológico de cabos submarinos, o que torna cada vez mais relevante a área da Comunicação analisar e refletir criticamente sobre as camadas prévias e os efeitos e afetos de sua presença no Brasil. O objetivo do presente texto é impulsionar a movimentação da área nesse sentido.

Arqueologia da rede como metodologia

Para estudar os cabos submarinos a partir de suas aparições em notícias e produções culturais tanto de sua própria indústria (por exemplo, em revistas especializadas como a *Zodiac*), quanto da imprensa e da indústria cultural, Starosielski (2015) identificou dois tipos de narrativas mais comuns: as *narrativas de conexão* e as *narrativas de rompimento*.

As *narrativas de conexão* são aquelas em que se oferece ao público informação sobre projetos de construção de cabos ou sobre a ancoragem dos cabos em si, geralmente em tom de celebração do progresso, da união de nações e do esforço das autoridades envolvidas no empreendimento.

As *narrativas de rompimento* geralmente envolvem a informação de que um cabo submarino foi ou pode ser rompido, por vezes evocando frustração com as promessas de progresso técnico, bem como expondo medos culturais envolvendo guerra, sabotagem, espionagem, animais aquáticos como tubarões e baleias. Como exemplo, em 28 de setembro de 1889, o jornal *A Epoca* publicou que o cabo submarino foi interrompido, ao “norte do Império”, por um “peixe de grandes dimensões, depois reconhecido por ser um espadarte”. A narrativa de rompimento aponta que o peixe “havia deixado entre os fios de aço um dente colossal”. Além dessa interrupção, a mesma notícia menciona uma outra, “dada a 43 milhas ao sul de Santa Catarina”, quando “uma grande baleia, enovelando-se no cabo, tornou-se presa por triplice barço e ali debateu-se até a morte”. Ao se emergir o cabo para reparo, a carcaça do animal apareceu emaranhada, “porém, a sua decomposição pronuunciou-se de tal modo a bordo

do pacote que fazia o serviço de ligação, que necessario foi a gente do navio lançar ao fundo o corpo putrefacto a que todos provocava vômitos” (*A Epocha*, 28 set. 1889, p. 2).

Mais que humanos são os agentes que aparecem, assim, em algumas das narrativas de rompimento que mostram como baleias e peixes do Norte e Sul do Brasil também afetavam e eram afetados pelo avanço das telecomunicações. Conforme, na atualidade, os estudos de mídia, a Comunicação e as ciências, como um todo, tem ampliado suas escalas de enquadramento de tempo e história a partir do drama ecológico que marca o reconhecimento de que, nos últimos 200 anos, catalisamos uma nova era geológica cuja característica central são os efeitos da globalização sobre o planeta, é importante considerarmos o papel dos sistemas de comunicação nesse processo e as suas relações e encontros com o não humano. Uma das principais teóricas dos estudos de infraestruturas das mídias, Lisa Parks, dedicou-se ao encontro entre animais e sistemas infraestruturais de comunicação na sua palestra oferecida no festival *Transmediale* (2017), em Berlin, na mesa “Becoming infrastructural, becoming environmental”, por exemplo.

Starosielski (2015) propõe estruturas narrativas alternativas e que possuem capacidade para tornar menos superficial a compreensão dos sistemas de cabos submarinos: as *narrativas de transmissão*, que acompanham a distribuição de sinais a partir de um determinado ponto da rede, e as *narrativas nodais*, que envolvem distintos nódulos da rede em um conjunto crítico de narrativas que englobam as três estruturas anteriores. Essa é a abordagem que fundamentará a análise dos 1.200 documentos curados para, ao longo dos próximos anos, compreender a presença espaço-temporal da infraestrutura de cabos submarinos no Brasil do século XIX ao século XXI.

Narrativas de conexão

As narrativas apresentadas pelas aparições aqui selecionadas possuem relevância para a atenção histórica às redes de cabos submarinos na era imperial. Efetivamente, apresentam como a sociedade pernambucana celebrou inicialmente o momento de conexão material/comunicacional com a Europa e com as outras províncias a partir de expectativas não só econômicas, mas também políticas e morais.

Ao estudar as relações entre tal tecnologia e a abolição da escravatura no Rio de Janeiro, Silva (2001) destaca como a chegada do cabo submarino na década de 1870 implicou a inserção do Brasil em um processo de globalização desencadeado pelas transformações nas tecnologias

comunicacionais. Como apontado pelo historiador, a chegada do cabo submarino em dezembro de 1873 provocou uma “verdadeira revolução cultural. A rapidez do telégrafo como que tornava o Rio de Janeiro, da noite para o dia, contemporâneo de Paris, a capital do mundo. Para falar a verdade, viver no Rio de Janeiro, depois do cabo submarino, já era um pouco como viver em Paris” (Silva, 2001, p. 108). Como antes de ir e vir de Paris os sinais precisavam passar pela estação central do Recife e atravessar o istmo de Olinda para chegar em Portugal, é considerável que a capital pernambucana também tenha sido afetada pela chegada de tal tecnologia. Assim, as narrativas de conexão aqui apresentadas deixam nítido que havia consciência política dos efeitos e das promessas que estavam embutidas nessa infraestrutura.

São eventos como os narrados aqui que têm se tornado interesse dos estudos de mídia e da Comunicação em âmbito internacional, pois complexificam o conhecimento dos sistemas de cabos submarinos ao levá-los em consideração não só do ponto de vista que narra seus usos imperialistas, mas também sua operação nas microescalas, reveladoras tanto de questões políticas locais quanto de afetos e efeitos que tal infraestrutura provocou em aspectos das vidas e dos territórios onde foi instalada. Com os arquivos aqui trabalhados, torna-se mais evidente como a operação de redes de comunicação envolve não só questões técnicas, mas também turbulências territoriais, dramas pessoais e mesmo agentes mais que humanos.

Aponta-se, primeiramente, a *narrativa de conexão* publicada no periódico *A Nação* em 11 de setembro de 1873, dando conta de que seis dias antes uma grande festa teria tomado conta do Recife. O povo se acotovelou, o comércio parou com passeatas, músicas e iluminação noturna especial para celebrar a inauguração do trecho que ligaria a capital pernambucana a Belém, no Pará:

Está inaugurado o serviço da linha telegráfica que nos liga a Belém do Pará. Chegou-nos às 11 horas o primeiro telegrama anunciando para meio dia em ponto a solenidade da inauguração oficial; e desde que a notícia chegou, a cidade pôs-se toda em movimento. A cidade exultava; prepararam-se desde logo passeatas, músicas, iluminações para a noite que deve ser esplendida, e o mais que é natural cortejo de acontecimentos de tal natureza. O povo acotovelava-se ainda nos salões e arredores do edifício da Associação que está já vistosamente embandeirado. O comércio teve um momento de brusca suspensão. Todos quantos negócios podiam ser adiados sem grande inconveniência, foram-no. Toca ao delírio o contentamento. Os primeiros telegramas recebidos ao meio-dia, foi preciso que os lessem pregoeiros em alta voz, para de certo modo satisfazer a ansiedade pública. Vivas entusiásticos rompiam de todos os lados, freneticamente correspondidos, a S.



M. Imperador, ao povo paraense, a empresa do cabo submarino, a união das duas grandes províncias, ao gabinete 7 de março, aos presidentes de Pernambuco e Pará, ao comércio das duas praças, etc. Que secreto instinto que tem o povo! Não há notícias nesta terra de uma festa mais popular, mais espontânea, mais cheia de naturalidade! (*A Nação*, 11 set. 1873, p. 3).

Meses depois, no periódico *A Província*, em 3 de janeiro do ano de 1874, é reportada a inauguração do serviço telegráfico da Western & Brazilian Telegraph Limited entre Recife e Carcavelos. A celebração não teria sido das mais imponentes, mas estaria à altura da expectativa de que a chegada da nova tecnologia melhoraria a “economia social” e colaboraria com a democracia: “A inauguração do cabo submarino foi antes de tudo uma festa democrática. - Nas condições actuaes da sociedade, tudo quanto pode unir os povos - o caminho de ferro, o vapor, o telegrapho - não pode passar desapercibido para a democracia” (*A Província*, 3 jan. 1874, p. 1).

Anuncia-se que a “folia inaugural” envolveu a troca de uma série de telegramas entre autoridades. O imperador se comunicou, saudando as províncias de Pernambuco, Bahia e Pará, “pela inauguração que hoje se realisa, do telegrapho electrico submarino, que já se estende ao longo da maior parte da costa do Brasil, e espero ainda felicitá-las pela inauguração de outros importantes melhoramentos moraes e materiais para a nossa pátria” (*A Província*, 3 jan. 1874, p. 1).

No jornal, também se lê a fala do Barão do Rio Branco, um dos principais propulsores das inovações infraestruturais no país, afirmando: “pela impressão de hoje, julguemos das vantagens moraes e economicas que virão quando o mensageiro electrico nos puzer em contacto com a Europa e a América” (*A Província*, 3 jan. 1874, p. 1). O presidente de Pernambuco respondeu ao barão tratando diretamente da implicação de tal tecnologia para a questão moral, mais especificamente afirmando que a sua chegada apenas foi possível após a promulgação da Lei do Ventre Livre (1871): “Estava determinado que a electricidade só começaria a percorrer o território brasileiro, depois que nenhum escravo mais nascesse nelle” (*A Província*, 3 jan. 1874, p. 1). Aponta Müller (2016, p. 83-84, tradução nossa):

Essa nova tecnologia professava uma modernidade pacífica e civilizada, vinculando-a à uma imaginada unidade global que se estendia muito além dos verdadeiros meios telegráficos de comunicação ponto-a-ponto entre os centros mundiais de urbanidade. Finalmente, a rede de cabos produzia não só um mercado unificado de bens, mas também um mercado unificado de



moralidade; não só transportava informações do mercado de valores, mas também ajudava a distribuir valores e ideias⁶.

No dia seguinte, 4 de janeiro de 1874, o mesmo periódico publicou a informação de que a inauguração havia ocorrido, como uma redenção, no período natalino: “o telegrapho encheu a todos de electricidade. Vivas electricos, musicas electricas, cervejas electricas”, apontando que “o telegrapho é o novo Missias da civilização contemporanea; por uma feliz coincidencia a inauguração do cabo submarino neste dia em que a christandade celebra o natalicio do Redemptor, equivale a uma verdadeira redempção” (*A Província*, 4 jan. 1874, p. 1).

Figura 04 – Publicação na *Semana Illustrada*, ano 14, n. 707, p. 5, 28 de junho de 1874



Fonte: Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

⁶ Do original: “The new technology’s avowal of a peaceful and civilized modernity entailed an imagined global unity that reached far beyond the telegraphs’ actual means of point-to-point communication between the world’s centers of urbanity.³ Ultimately, the cable network produced not only a unified market of goods but also a unified market of morality; it would not only transport stock market information but also help the spread of values and ideas” (Müller, 2016, p. 83-84).

Apesar de toda a celebração com a integração e o progresso das províncias pelo cabo submarino em janeiro, a conexão com a Europa efetivou a sua operacionalidade apenas em junho de 1874 (Figura 04).

Narrativa de transmissão

Anos depois, em 1º de abril de 1882, o *Jornal do Recife* informou a chegada do vapor inglês Wondego, provindo do Rio de Janeiro, trazendo um aparelho telefônico que foi colocado para apresentação no teatro de Santo Antônio, com entrada franca para “todas as pessoas que amam ao progresso de Pernambuco”. Conforme reportado, o aparelho foi ligado com as linhas telegráficas da província e com o cabo submarino que conectava Recife com Carcavelos, em Portugal, tendo o seu dono “a grande satisfação de fallar com pessoas de sua amizade”. Ainda que o progresso comunicacional seja celebrado, o autor não perdeu a oportunidade de mencionar que a tecnologia já estava “velha em outras partes do mundo”, mas que só então a sociedade pernambucana teve a chance de ver “esse prodígio” (*Jornal do Recife*, 1º abr. 1882, p. 3).

Como apontado por Anand, Gupta e Appel (2018, p. 26, tradução nossa), estejam “sendo construídas ou desmoronando, as infraestruturas simultaneamente indicam as conquistas e limites, expectativas e falhas da modernidade”⁷. O progresso tecnológico, em sua promessa, é oferecido em troca de subjetivação política. Para Larkin (2018, p. 183-184, tradução nossa), é justamente pelo fato das infraestruturas estarem investidas com promessas e o fato de que essas promessas aparecem constantemente no plano de frente que – sendo bem-sucedidas ou falhando – elas acabam por trazer visibilidade para a “operação de racionalidade governamental e oferecem essa racionalidade para o debate político. Entender como isso toma lugar, como o material e o figural são colocados juntos, é útil para se entender o dispositivo técnico sobre o qual a estética-política se sustenta”⁸.

⁷ Do original: “Whether they are being built or crumbling, infrastructures simultaneously index the achievements and limits, expectations and failures, of modernity” (Anand; Gupta; Appel, 2018, p. 26).

⁸ Do original: “They bring into visibility the operation of governmental rationality and offer that rationality up for political debate. To understand how this takes place, how the material and the figural are brought together, it is useful to draw upon the technical device upon which political aesthetics rests” (Larkin, 2018, p. 183-184).

Narrativas de rompimento e turbulências do território

Em 7 de outubro de 1882, um tom menos celebratório é oferecido no *Jornal do Recife* ao se apontar que “não há no mundo comunicações telegráficas mais caras que as com o Brasil, ou por intermédio do Brasil”. A Western & Brazilian é apresentada como uma companhia inconveniente, pois “não paga a seus acionistas” e “em vez de diminuir as tarifas, em vez de abandonar o seu péssimo cabo e assentar outro, conserva tarifas verdadeiramente bárbaras”. O autor (não há assinatura) aponta que a comunicação entre Pernambuco e Santos é, comparativamente, mais custosa do que entre Londres e Índia ou Londres e Pérsia: “Custa menos ao inglês mandar duas palavras para Alexandria, no Egipto, do que custa ao brasileiro por uma palavra, que venha da Europa a Pernambuco, em ser transmitida de Pernambuco a Bahia” (*Jornal do Recife*, 7 out. 1882, p. 1). A reclamação é finalizada em tom enfático, demandando que “precisamos ter um cabo que liberte o Brasil do jogo humilhante que agora sofre”. Como apontado por Müller (2016, p. 17, tradução nossa), “Os telégrafos oceânicos alimentaram não apenas uma ‘compressão espaço-temporal’, mas também uma divisão do espaço comunicacional entre os que podiam pagar e os que não podiam”⁹.

Nesse sentido, Anand, Gupta e Appel (2018, p. 27; tradução nossa) nos lembram que, conforme os materiais e as tecnologias se transformam, também se transformam suas promessas: “Novas infraestruturas são promessas feitas no presente sobre o nosso futuro. Na medida em que elas costumam ser sempre incompletas – materiais que ainda não se mobilizaram para entregar o seu potencial – elas parecem como ruínas de promessas”¹⁰. Assim, com a insatisfação demonstrada com parte do serviço ofertado, anos depois, percebe-se que as promessas e os efeitos tardaram a ser cumpridos ou plenamente atingidos.

Ainda que a aceleração comunicacional oferecida por tal tecnologia fosse valorizada e rapidamente tenha se tornado indispensável para a sincronização das pretensões nacionais com as novidades comerciais e políticas da Europa, a frustração de locais e a falta de acessibilidade à tecnologia (em razão dos preços) apontam para o fato de que a Western & Brazilian Telegraph

⁹ Do original: “The ocean telegraphs nourished not only a ‘time-space compression’, but also a division of communicational space between those who could pay and those who could not” (Müller, 2016, p. 17).

¹⁰ Do original: “New infrastructures are promises made in the present about our future. Insofar as they are so often incomplete – of materials not yet fully moving to deliver their potential – they appear as ruins of a promise” (Anand; Gupta; Appel, 2018, p. 27).

encontrou dificuldades de ordem logística e comercial para operar no país, no que certamente resultaram em atritos e desconfianças.

Esse clima dúbio se territorializa nas narrativas que começam a aparecer a partir de 1889, com a rejeição dos ingleses da possibilidade de se construir um bonde sobre o istmo onde estavam enterrados os cabos telegráficos, no que se seguiu a irritação e o desejo de investidores locais de ver os ingleses “afundarem em barranco” (Simões, 1899, p. 2). Em 20 de maio de 1889, no *Pequeno Jornal*, um irritado texto aponta para conflitos entre os operadores do cabo submarino e os locais interessados no desenvolvimento de um bonde elétrico entre Recife e Olinda.

Ao que se indica, os britânicos fizeram protestos diante da possibilidade de que viessem a ser instalados tais trilhos sobre o istmo que ligava o porto do Recife à Olinda. O autor era parte interessada nos trilhos, destacando que os fios de eletricidade do bonde seriam postos em suspensão por meio de postes elétricos. Sua irritação era pelo fato de que os eletricitistas do cabo submarino protestaram contra o empreendimento, afirmando que ele afetaria os cabos telegráficos que estavam enterrados no istmo. O texto começa com deboche:

A telegraphia sem fio é ainda uma hypothese, embora uma hypothese positiva. O interessante, porém, é que a prevalecer esse sistema, os cabos submarinos serão dispensados e estaremos livres do fundamento das impugnações das companhias; enquanto caberá aos seus eletricitistas irem fazer a transmissão dos telegrammas pelas ondas electricas das altas camadas do espaço (Simões, 20 maio 1889, p. 2).

O autor demonstra sua irritação com os ingleses da Western & Brazilian Telegraph ao afirmar que

a incoherencia desses inglezes dos cabos submarinos é enorme quando patrocinam-se com um similhante argumento, sem que tenham tambem protestado contra [...] o contracto de luz electrica de parte da cidade do Recife; e nem se tenham apressado a faze-lo agora, em tempo, perante a Camara, onde se discute o novo contracto que autorisa a Ferro Carril a adoptar na sua tração a força electrica. É que estas pretenções, não os offende no desejo de serem os unicos occupantes da nossa bella linha estrategica do Isthmo e, qual dizia Bossuet, “as contradicções são os accidentes da molestia que se chama erro” (Simões, 20 maio 1889, p. 2).

Após apresentar argumentos técnicos de que os ingleses agiam por interesse político e não científico, o autor encerra o texto ironizando (ou ameaçando?): “Creio ter visto o vulto dos

meus antagonistas dos cabos submarinos a afundar-se num barranco. Que fiquem em paz” (Simões, 20 maio 1889, p. 2).

Meses depois, uma outra notícia publicada n’*A Província*, em 4 junho de 1890, ajuda a situar melhor a ocupação do istmo pela companhia telegráfica. Reporta-se que a companhia tinha nessa faixa de terra de Olinda, “junto a Cruz do Patrão uma pequena casa, destinada a deposito de material telegraphico, sendo ao mesmo tempo o ponto de junção do cabo submarino com o fio que vae ter à estação central à rua do Commercio”. A notícia informa que os funcionários que residem ali foram atacados em uma noite, sendo um deles ofendido com oito facadas, “de cujos ferimentos se acha em tratamento e seu estado é grave” (*A Província*, 4 jun. 1890, p. 2). Cobrou-se da polícia “estabelecer uma ronda n’aquelle lugar para garantir a vida de estrangeiros, cujos serviços são os mais úteis ao paiz”. Talvez as facadas dadas nos trabalhadores da estação de Olinda não tenham nada a ver com a ameaça proferida meses antes, mas as tensões na operação da rede submarina telegráfica nacional se colocam como um tema a se estar atento em pesquisas futuras.

O desejo do autor da publicação de 20 de maio de 1889, no *Pequeno Jornal*, de que os cabos submarinos fossem dispensados pelo desenvolvimento da telegrafia elétrica nunca se realizou, todavia. Cerca de 130 anos depois, em 2022, cabe dizer que o novo cabo a ancorar no Recife, um trecho do Seabras-1 (de propriedade da Seaborn) também passou por uma certa contestação e turbulência territorial. A Lei Estadual nº 17.940, de 21 de outubro de 2022, suspendeu uma doação de um terreno de 8.000m² feita pelo governo de Pernambuco para a companhia de cabo submarino em razão de consistir em uma área pertencente ao Espaço Ciência, que fica na divisa entre Recife e Olinda (Amaral, 2022; G1 PE, 2022). O Espaço Ciência acusou o governo de querer mutilar e descaracterizar um espaço museológico, resultando em uma grande polêmica que certamente atrasou a ancoragem do cabo.

Nesses momentos de contestação é que vemos emergir fricções entre o que o geógrafo brasileiro Milton Santos (2014, p. 170) entendeu como a “razão local” e a “razão global” de territórios conectados em redes infraestruturais: “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”. A ordem global é “desterritorializada, no sentido de que separa o centro da ação e a sede da ação” em um espaço “movediço e inconstante” que é “formado por pontos, cuja existência funcional é dependente

de fatores externos” (Santos, 2014, p. 170). Por sua vez, a ordem local é aquela que reterritorializa, sendo do “espaço banal, espaço irreduzível, porque reúne numa mesma lógica interna todos os seus elementos: homens, empresas, instituições, formas sociais e jurídicas, e formas geográficas” (Santos, 2014, p. 170). Para Santos (2014, p. 170), o que “garante a comunicação” é o “cotidiano imediato, localmente vivido, traço de união de todos esses dados”.

Conclusão

Reconhecer as complexidades ecológicas, territoriais e políticas em que os sistemas de cabos submarinos se inseriram ao longo de sua operação desde 1874 no Brasil é uma tarefa relevante e que pode revelar aspectos curiosos sobre como o desenvolvimento das infraestruturas de comunicação no país afetaram seu ambiente político (em escala nacional ou em escalas regionais), suas dinâmicas territoriais e seu ecossistema. Ao dar-se um pontapé, aqui, na identificação de narrativas que envolvem infraestruturas da comunicação, política, território e ecologia, aproxima-se também de recentes esforços dos estudos de mídia para melhor compreender como sistemas sociotécnicos repercutiram de modo distinto ao redor do planeta. Por mais que o historiador Eduardo Silva tenha iniciado esse trabalho ao estudar as relações entre a infraestrutura de cabos submarinos e a abolição da escravatura no Brasil, seu foco no Rio de Janeiro no ano de 1888 pode ser e é ampliado a partir daqui pelos estudos de mídia e comunicação. Começando por Pernambuco nas décadas de 1870-1880, a expectativa é de avançar em direção às aparições encontradas em outros períodos do mesmo estado e de outros estados ao norte e ao sul de Fortaleza.

Referências

A CONSTITUIÇÃO. Parlamento. Belém do Pará, ano 9, n. 87, p. 1, 20 abr. 1882. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/385573/6956>. Acesso em: 23 fev. 2021.

A EPOCHA. Interrupção de cabo submarino. Recife, ano 1, n. 38, p. 2, 28 set. 1889. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/373370/152>. Acesso em: 23 fev. 2021.

AMARAL, Bruno de. Chegada de cabo submarino da Seaborn ao Recife é centro de disputa política. **Teletime**. 16 dez. 2022. Disponível em: <https://teletime.com.br/16/12/2022/chegada-de-cabo-submarino-da-seaborn-ao-recife-e-centro-de-disputa-politica/>. Acesso em: 12 fev. 2023.

A NAÇÃO. Pernambuco. Recife, ano 2, n. 187, p. 3, 11 set. 1873. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/586404/1357>. Acesso em: 18 mar. 2021.

ANAND, Nikhil; GUPTA, Akhil; APPEL, Hannah (Ed.). **The promise of infrastructure**. Durham: Duke University Press, 2018.

A PROVÍNCIA. Cabo submarino. Recife, ano 3, n. 186, p. 1, 3 jan. 1874. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/128066_01/773. Acesso em: 23 fev. 2021.

A PROVÍNCIA. [Cabo submarino]. Recife, ano 3, n. 187, p. 1, 4 jan. 1874. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/128066_01/777. Acesso em: 23 fev. 2021.

A PROVÍNCIA. Cabo submarino. Recife, ano 13, n. 126, p. 2, 4 jun. 1890. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/128066_01/6490. Acesso em: 23 fev. 2021.

BASSALO, José Maria Filardo; CRISPINO, Luís Carlos Bassalo. Sir William Thomsom e a instalação do cabo telegráfico submarino entre Pernambuco e o Pará. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 29, n. 4, p. 513-516, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbef/a/FGGPjPqjqW3x7Vm63vHxLmp/>. Acesso em: 12 fev. 2022.

G1 PE. Governo de Pernambuco suspende doação de terreno do Espaço Ciência para empresas privadas. 16 dez. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/12/16/governo-de-pernambuco-suspende-doacao-de-terreno-do-espaco-ciencia-para-empresas-privadas.ghtml>. Acesso em: 12 fev. 2023.

JORNAL DO RECIFE. Telephone. Recife, ano 25, n. 75, p. 3, 1º abr. 1882. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/705110/18885>. Acesso em: 23 fev. 2021.

JORNAL DO RECIFE. O telegrapho para o Brazil. Recife, ano 25, n. 229, p. 1, 7 out. 1882. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/705110/19499>. Acesso em: 23 fev. 2021.

LARKIN, Brian. Promising forms: the political aesthetics of infrastructure. *In: The promise of infrastructure*. Durham: Duke University Press, 2018. p. 175-202.

MORAES, Lucas. Investimento de R\$ 200 milhões garante conexão do Recife a cabo submarino. **Jornal do Commercio** - Online. 06 set. 2019. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/economia/pernambuco/noticia/2019/09/06/investimento-de-r-200-milhoes-garante-conexao-do-recife-a-cabo-submarino-387623.php>. Acesso em: 23 fev. 2021.

MÜLLER, Susanne. **Wiring the world: the social and cultural creation of global telegraph networks**. New York: Columbia University Press, 2016.

O LIBERAL DO PARÁ. Agência Telegraphica Havas Reuter. Belém, ano 7, n. 62, p. 3, 19 mar. 1875. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/704555/5868>. Acesso em: 8 mar. 2023.

O LIBERAL DO PARÁ. Cabo Submarino. Belém, ano 8, n. 13, p. 1, 18 jan. 1876. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/704555/6703>. Acesso em: 8 mar. 2023.

O MOSQUITO. Inauguração do cabo submarino. Rio de Janeiro, ano 6, n. 225, p. 1, 3 jan. 1874. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/709654/758>. Acesso em: 07 ago. 2023.

PARKS, Lisa. 'Stuff you can kick': Conceptualizing media infrastructures. In: SVENSSON, Patrik; GOLDBERG, David Theo. **Between Humanities and the digital**. Cambridge: MIT Press, 2015. p. 355-376.

PARKS, Lisa; STAROSIELSKI, Nicole. **Signal traffic: critical studies of media infrastructures**. Chicago: University of Illinois Press, 2015.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2014.

SEMANA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, ano 14, n. 707, p. 5, 28 jun. 1874. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/702951/5654>. Acesso em: 7 ago. 2023.

SILVA, Eduardo. Interação, globalização e festa: a abolição da escravatura como história cultural. In: PAMPLONA, Marcos A. (org.). **Escravidão, exclusão e cidadania**. Rio de Janeiro: ACESS, 2001. p. 107-118.

SIMÕES, Antonio Pereira. Tramway electrico de Olinda. **Pequeno Jornal**, ano 2, n. 113, 20 maio 1889. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/800643/1575>. Acesso em: 23 fev. 2021.

STAROSIELSKI, Nicole. **The undersea network**. Durham: Duke University Press, 2015.

TELEGEOGRAPHY. Submarine cable map. 2023a. Disponível em: <https://www.submarinecablemap.com/>. Acesso em: 23 mar. 2022.

TELEGEOGRAPHY. Do Submarine Cables Account For Over 99% of Intercontinental Data Traffic? 2023b. Disponível em: <https://blog.telegeography.com/2023-mythbusting-part-3>. Acesso em: 14 maio 2023.

TRANSMEDIALE. Becoming Infrastructural, Becoming Environmental. Video. 119 minutos. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yREfIXLdl9M>. Acesso em: 23 mar. 2023.

WENZLHUEMER, Roland. **Connecting the nineteenth-century world: the telegraph and globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.



Submetido em: 10.03.2023

Aprovado em: 27.08.2023

